

BANDO ANUNCIADOR NA FESTA DE SANT'ANA EM FEIRA DE SANTANA (1860-1988)

Greice Moreira Moraes
Graduanda em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
E-mail: greicemmoraes@gmail.com

Palavras-chave: Bando Anunciador. Festa de Sant'Ana. Práticas Socioculturais.

Apresentação

Este trabalho possui o objetivo de iniciar uma breve discussão sobre as transformações ocorridas no *bando anunciador* na festa de Sant'Ana, em Feira de Santana no período entre 1860 a 1988, percebendo este, como um representação do processo de mudanças das práticas socioculturais da sociedade feirense. Pretende-se nessa pesquisa promover uma reflexão com base bibliografia de autores que abordaram o tema do *bando anunciador* na festa em homenagem a Sant'Ana, padroeira da cidade de Feira de Santana.

O primeiro desses autores é Rollie E. Poppino em seu livro *Feira de Santana* (1968), que realizou um grande estudo sobre a sociedade feirense em 1968. Poppino é referência de história local e regional para Feira de Santana, ele discutiu a sociedade englobando diversos temas (econômicos, políticos e socioculturais), dentre estes o *bando anunciador* no festejo de Sant'Ana.

Vários trabalhos historiográficos fazem referência às festividades religiosas, porém poucos tratam das transformações ocorridas nas festividades Católicas em Feira de Santana tão bem quanto o memorialista Eurico Alves Boaventura que relatou em seu livro *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana* (2006), tudo que lhe chamava atenção no início do século XX; seus depoimentos tornaram-se fontes importantes de pesquisa dos historiadores locais, para o entendimento do cotidiano de Feira de Santana.

A Monografia de Silvânia Maria Batista *Conflitos e Comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana (1930 – 1950)* (1997) expõe a origem da cidade, aborda o seu desenvolvimento urbanístico e faz uma descrição detalhada da festa de Sant'Ana nas décadas de 1930-1950; a autora contribuiu no sentido de apontar novos costumes desenvolvidos na sociedade. Batista (1997) refere-se às relações entre os sujeitos e as manifestações festivas em

homenagem a Sant'Ana ocorridas no período, considerando-as como hierarquizadas. É a partir desses elementos que será feita a análise do bando anunciador na festa de Sant'Ana em Feira de Santana.

O recorte temporal definiu-se a partir do trabalho de Poppino (1968), que discutiu o início do bando em 1860 e encerrou-se com os periódicos que noticiavam a proibição da Igreja Católica dos festejos de largo na festa de Sant'Ana em 1988, e que determinaram a extinção do bando anunciador.

Aspectos Históricos da Festa de Santana

Segundo Renato de Andrade Galvão (JORNAL FEIRA HOJE, n. 2.653, 15 jan. 1983, p. 03), a festa religiosa em homenagem a Sant'Ana foi oficializada pela bula papal de 1º de maio de 1584, pelo papa Gregório XXIII. No Brasil, a figura da santa foi noticiada desde o período das incursões bandeirantes. Em Feira de Santana, afirma Galvão (1982, p. 27), acredita-se que o culto em homenagem a Sant'Ana foi iniciado pelo casal Domingos Barbosa e Ana Brandão, que doou à Igreja Católica, em 28 de setembro de 1732, o equivalente a cem braças de terra no Alto da Boa Vista, nas quais ergueram uma capela em homenagem a Sant'Ana e São Domingos.

Segundo Batista (1997), só em 1781, quarenta e nove anos após a construção da capela, o Arcebispo da Bahia liberou a autorização para o vigário da vara de São José das Itaporocas celebrar a festa de Sant'Ana. Posteriormente em 1833, depois que o casal Domingos Barbosa e Ana Brandão faleceu, a fazenda foi considerada propriedade da Igreja, não podendo ser vendida nem dividida.

O festejo religioso é comemorado pela Igreja Católica no dia 26 de julho, mas segundo Boaventura (2006), o município contrariou a tradição e, a partir de 1913, passou a comemorá-la no mês de janeiro, numa data combinada anualmente, havendo uma mobilidade para o início e término da festa. Os motivos alegados na época pelo Padre Beбето para a transferência da data do evento, segundo Boaventura foram:

na quadra do inverno, toda gente estava na labuta do plantio, não se podia envolver a comemoração do esplendor que merecia a Padroeira. (...) Além do mais o inverno não possibilitava noites belas, para as novenas e tocatas disputadas – e tarde juncada para a imponente procissão. Por isso feirense vaidoso. (...) mudou Padre Beбето a festividade para janeiro, mês do sol geralmente. Verão amigo com tardes coloridas e noites perdulariamente iluminadas, safra de fumo vendida já, a alegria no bolso do lavrador, os

armazéns-de-escolha dando a ganhar à gente pobre da rua. Os coronéis estariam aptos às polpudas contribuições para a solenidade. E toda gente podia comprar um traje novo (BOAVENTURA, 2006, p. 25).

Além do mais, segundo o *Jornal Feira Hoje* (n. 2.653, 15 jan. 1983, p. 03), havia um esvaziamento da cidade no início do século XX, pois os filhos das famílias abastadas estudavam fora e, em janeiro, o mês de veraneio, estudantes retornavam ao seio familiar. Logo, era oportuno fazer uma festa com a participação dos jovens que auxiliariam nos preparativos e ingressariam nos movimentos religiosos.

A festa de Sant'Ana, era, naquele período, uma oportunidade para a socialização da população. As ruas ficavam lotadas para acompanhar os cortejos de largo dentre eles o *bando anunciador*, esse momento tornou-se marcante porque conseguia reunir quantitativamente os fiéis nas áreas externas da Igreja Matriz da cidade. Ao analisar as práticas sociais se perceberá como se desenvolveu dinamicamente a celebração “popular” em homenagem a Santana.

Bando Anunciador

O *bando anunciador* em seus primórdios, era um grupo de pessoas que saía muito cedo pelas ruas centrais da cidade, proclamando, com dois meses de antecedência o início da festa em homenagem Sant'Ana, dando abertura às atividades litúrgicas, novenas, missas e também as comemorações de largo da Igreja Matriz.

Segundo Batista (1997, p. 33), atraía-se grande público que, em cortejo pela cidade, cantava e brincava ao som de músicas e versos. Segundo Boaventura (2006) esta era uma:

Imposição legal de português, velho colonizador desses nossos sertões. Festa boa de Igreja havia de ter a sua mascarada dias antes, como que anunciando-a. Era das emboladas e boas Ordenações filipinas do bom Portugal dos seiscentos. E lá se estabelecia no Título XXXIV do Livro Quinto das ditas Ordenações: Máscaras, vestindo-se o homem de mulher e a mulher de homem (Boaventura, 2006, p. 33).

O autor (BOAVENTURA, 2006) ressalta que essa prática cultural, de anunciar a abertura dos festejos religiosos, foi introduzida pelos portugueses desde o período do desbravamento da região no século XV.

Mas Poppino (1968) afirma que a cerimônia em Feira de Santana se originou no período imperial, especificamente em 1860. Segundo o autor: “No século XIX, o *bando anunciador* era formado por um grupo de jovens mascarados, a cavalo, atravessavam as ruas

da cidade, a lançar rojões e a bradar que a festa da Santana estava para vir” (POPPINO, 1968, p. 279). Percebe-se na documentação referente ao século XIX que os homens eram presença majoritária, saíam pelas ruas anunciando a festa, porém não há relatos de escravizados nesse desfile específico, como também não existe a indicação da participação de mulheres nesse momento inicial do festejo.

Supõe-se, portanto, que havia uma divisão de gênero e de classes no festejo, cabendo às mulheres a função de rezar, ornamentar a Igreja, promover o evento e principalmente encaminhar as novas gerações para prática religiosas tradicionais do catolicismo. Os escravizados apenas acompanhavam seus senhores nas atividades braçais do festejo (auxiliavam na lavagem da Igreja).

Ao se reportar às décadas iniciais do século XX, Boaventura enfatizou a ostentação do luxo nos desfiles da Igreja e também de seus participantes, “vestido, sapatos, tudo havia de ser novo” (BOAVENTURA, 2006, p. 28). Apesar de Boaventura não discutir o papel ocupado pelas mulheres e negros no desfile do bando, outros autores apresentaram indícios, como veremos, da atuação desses grupos em outros momentos da festa de largo de Sant’Ana, demonstrando uma movimentação por parte desses indivíduos dentro do contexto da festa, o que levará posteriormente a introduzi-los definitivamente no bando e na festa como um todo.

As características iniciais do bando se alteravam bruscamente entre as décadas de 1930-1950. Batista (1997, p. 33-36) assegurou que o bando nesse período, já possuía outras peculiaridades e se dividia em vários grupos menores formando bandos dentro do próprio *bando anunciador*. Nesse momento o cortejo do bando se antecipava apenas em uma semana à “Festa Magna” - procissão (diferente dos dois meses de antecedência do século XIX). O cortejo ficou sendo considerado como um dos momentos mais disputados da festa. Havia uma participação maciça das “mulheres de família”, que, fantasiadas e ao ritmo do samba e orquestras, em seus luxuosos automóveis devidamente enfeitados com temas específicos, se assemelhando a um carro alegórico, tomavam as principais ruas da cidade, formando verdadeiros blocos carnavalescos para distribuírem poesias e folhetos com a programação.

No início do século XX, portanto mudanças socioculturais no bando passaram a agregar novas práticas sociais, as mulheres e homens compartilham do mesmo espaço, apesar de a sociedade continuar patriarcal, as mulheres, através da apropriação do discurso civilizador, conseguiram, nesse aspecto, minimizar a barreira de gênero.

No bando, ocorreu a afirmação da hierarquia social, que através da introdução dos automóveis, roupas luxuosas, desfiles de cavalo de raça, e grande concorrência entre comissões organizadoras da festa, limitavam ou mesmo excluíaam os menos favorecidos da

população. Aos grupos desprivilegiados da sociedade só era permitido que participassem do *bando* se estes se adequassem ao padrão de desfile civilizado imposto pelo período, com muita pompa e glamour.

Além dos “cidadãos proeminentes” da sociedade feirense, Batista (1997) garante que desfilava no *bando anunciador* a comissão da festa – formada por aproximadamente cinquenta ou sessenta indivíduos de relevância financeira e que eram responsáveis por arrecadar fundos e organizar o festejo –, a agremiação feirense dos festejos de momo, os blocos carnavalescos, destacando-se dentre eles “As Melindrosas” (BATISTA, 1997, p. 35). Este bloco era formado por garotas, em sua maioria filhas de lavadeiras do Tanque da Nação.¹ Nessa época, o Professor José Belmonte² assegurou que o bando arrecadava fundos para a Igreja Católica e para sua própria manutenção, - com a aquisição de foguetes, fantasias, e embelezamento do festejo como um todo - através de doações da população (JORNAL FEIRA HOJE, n. 1.989, 13 jan. 1981, p. 4).

A partir de 1950, Poppino (1968, p. 279) percebeu graduais e significativas mudanças em relação à diminuição do luxo na festa. E nas décadas de 1970 e 1980, novas variações têm lugar, os conteúdos das músicas, tornam-se, de acordo os mais conservadores, pornográficos ou irreverentes, com temas polêmicos envolvendo pessoas ilustres.

Em entrevista ao *Jornal Feira Hoje*, o Professor José Belmonte, organizador de alguns bandos do período (como o Bando Pelotão da Rua Cristovão Barreto, o bando do Tanque da Nação e o bando dos Olhos D’Água), destacou que “as características mais curiosas dos bandos, por exemplo, como a careta, homens vestidos de mulher, já não existem mais” (JORNAL FEIRA HOJE, n. 1.989, 13 jan. 1981, p. 4). Segundo Belmonte (JORNAL FEIRA HOJE, n. 2.292, 09 jan. 1982, p. 05), o *bando anunciador* foi sofrendo transformações tanto nos aspectos culturais quanto nos econômicos, tanto que, a partir de 1979 passou a não arrecadar doações entre a população para a organização do evento, pois a Prefeitura Municipal de Feira de Santana, através da Secretaria de Turismo, Recreação e Cultura (SETUR), passou a arcar com todas as despesas, o que proporcionou maior alívio aos grupos que atravessavam dificuldades financeiras devido à baixa arrecadação junto aos fiéis.

Em 1980, ocorreram diversos conflitos entre Igreja Católica e organizadores e até mesmo participantes das festas de largo de Sant’Ana, atritos que interferiram diretamente na existência bando anunciador. Os descontentamentos por parte da Igreja foram amplamente

¹ Bairro residencial periférico de Feira de Santana.

² Pessoa responsável pela organização e desfile do *bando anunciador* em Feira de Santana entre as décadas de 1950 e 1980.

noticiados pelos jornais do período como: interferência da prefeitura municipal com incentivos financeiros à festa de largo, introdução de trios elétricos provocando uma carnavalização da festa, aumento da violência, concorrência de som alto dos barraqueiros próximos à igreja com as atividades religiosas; e finalmente alegou-se que o espaço físico e a estrutura do local tornaram-se insuficiente e inadequado para atender uma população em constante desenvolvimento. Todos esses fatores, segundo os religiosos promoveram a descaracterização da festa de Sant'Ana e o afastamento dos fiéis da Igreja.

Há uma provável intenção das classes médias juntamente com a Igreja Católica em delimitar a participação dos segmentos “populares” na festa em homenagem a Sant'Ana, se configurando uma concorrência de espaços sociais. As massas populares desde a década de 1960 estavam participando intensamente das festividades de largo, promovidas pela Igreja Católica, pois eram espaços livres para se extravasar as aflições de um ano de introspecção, incomodando parte opulenta da sociedade feirense.

Os segmentos economicamente privilegiados passaram gradualmente a ser minoria, seus espaços foram sendo ocupados por grupos, que em décadas passadas, foram considerados desnecessários nas festas católicas. Houve uma inversão de papéis, nas décadas de 1960 até o início de 1980, a Igreja Católica se aproximou mais dos grupos carentes financeiramente, colocando a elite em plano secundário.

Percebe-se, deste modo, que as décadas entre 1960 e 1980, tornam-se o período de apogeu e declínio do *bando anunciador*, espaço antes dominado pela elite local foi lentamente apropriado pelos grupos das massas populares, e como não havia indícios de retroceder aos tempos de luxo e exclusão dos carentes economicamente, impõe-se uma forte campanha contra as festas de largo.

Iniciou-se na década de 1980 os confrontos entre as vertentes espiritual e temporal da festa de Sant'Ana. Apesar dos constantes protestos por parte da população feirense, pela permanência da festa de largo, a Igreja Católica se mobilizou rapidamente e, a partir de 1988, não permitiu que ocorresse mais a festa de largo em homenagem a padroeira Sant'Ana em Feira de Santana, pondo fim assim ao *bando anunciador*.

Fontes

BIBLIOTECA CENTRAL JULIETA CARTEADO. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana.

BIBLIOTECA DO MUSEU CASA DO SERTÃO. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *A Paisagem Urbana e o Homem: Memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

GALVÃO, Monsenhor Renato de Andrade. Os Povoadores da Região de Feira de Santana. *Sitientibus*, Feira de Santana, p. 25-31, jul/dez.1982.

JORNAL FEIRA HOJE. Feira de Santana, n. 1.989, 13 jan. 1981.

_____. Feira de Santana, n. 2.292, 09 jan. 1982.

_____. Feira de Santana, n. 2.653, 15 jan. 1983.

POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968.

Referências

BATISTA, Silvânia Maria. *Conflitos e Comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana (1930 – 1950)*. 1997. Trabalho de conclusão de curso (Especialização) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 1997.

BURK, Peter. *O Que é História Cultural*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1937.

_____. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.